



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

DIEGO SILVA GUIMARÃES

**CONCEITOS GEOGRÁFICOS DE ANÁLISE:
UMA PERCEPÇÃO A PARTIR DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

**CAMPINA GRANDE – PB
ABRIL – 2016**

DIEGO SILVA GUIMARÃES

**CONCEITOS GEOGRÁFICOS DE ANÁLISE:
UMA PERCEPÇÃO A PARTIR DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de artigo apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Angélica Mara de Lima Dias

**CAMPINA GRANDE – PB
ABRIL – 2016**

G963c Guimaraes, Diego Silva.
Conceitos geográficos de análise [manuscrito] : uma percepção a partir dos alunos do ensino médio / Diego Silva Guimaraes. - 2016.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Angélica Mara de Lima Dias, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."
1. Ensino médio. 2. Categoria geográfica. 3. Aprendizagem. 4. Ensino de geografia. I. Título

21. ed. CDD 373

**CONCEITOS GEOGRÁFICOS DE ANÁLISE:
UMA PERCEPÇÃO A PARTIR DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Artigo apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Angélica Mara de Lima Dias

Aprovado (a) em: 20 / 10 / 2016

BANCA EXAMINADORA

Angélica Mara de Lima Dias

**Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**

Piffapênio Pereira Carvalho

**Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho (Examinador externo)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**

David Luiz Rodrigues de Almeida

**Prof. Ms. David Luiz Rodrigues de Almeida (Examinador Interno)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**

AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me presentear com a vida, por me guiar pelos melhores caminhos, a minha família, a quem devo tudo o que hoje sou por me instruírem para a vida, a minha esposa e ao meu filho por incentivar nas dificuldades. Este trabalho não ficaria completo sem agradecer a todos os que nos ajudaram a concretizá-lo. A esta universidade, seu corpo docente, por que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, em especial a minha orientadora Angélica Mara de Lima Dias, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. E a todos que não foram citados neste texto. Muito obrigado.

RESUMO

O presente artigo, expressa os resultados obtidos no estudo sobre as dificuldades que os alunos da 1ª série do ensino médio têm de conceituar as categorias geográficas. Foi realizado um questionário-diagnóstico com os alunos da escola Centro Educacional Monteiro Lobato, localizada no município de Esperança PB. O questionário-diagnóstico tem como propósito demonstrar as dificuldades obtidas em relação a aprendizagem e ensino de categorias geográficas, empregando-o para auxiliar no entendimento e no cotidiano dos alunos. Sendo assim, foram aplicadas dez questões onde suas perguntas estavam relacionadas às categorias de: paisagem, território, lugar espaço e região. Descrevendo-as segundo alguns paradigmas da Geografia. Utilizando os resultados obtidos como subsídio para empregar algumas propostas de como trabalhar as categorias, e relacionando à vida dos alunos, e que os mesmos percebam o espaço vivenciado e a partir desse entendimento possa empregar corretamente as categorias geográficas.

Palavras-Chaves: Ensino médio, Categorias, cotidiano.

RESUMEN

El presente artículo, expresa los resultados obtenidos en el estudio sobre las dificultades que los alumnos de la 1ª serie en enseñanza media poseen de conceptualizar las categorías geográficas, donde hemos realizado un cuestionario-diagnóstico con los alumnos de la escuela Centro Educativo Monteiro Lobato, ubicada en el municipio de Esperança-PB. Utilizando el cuestionario-diagnóstico tenemos como propósito aclarar las dificultades logradas en relación al aprendizaje y enseñanza de categorías geográficas, empleándolo para auxiliar en el entendimiento y en el cotidiano de los alumnos. Por ende, fueron aplicadas diez cuestiones donde sus preguntas estaban relacionadas a las categorías de: paisaje, territorio, lugar espacio y región. Describiéndolas según algunos paradigmas de la Geografía. Utilizando las deducciones obtenidas como subsidio para emplear algunas propuestas de cómo trabajar las categorías, y relacionándolas con la vida de los estudiantes, y que los mismos perciban el espacio vivido y, a partir de ese entendimiento pueda utilizar correctamente las categorías geográficas.

Palabras clave: Enseñanza media, Categorías, Cotidiano.

Sumário

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	8
2. A GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	9
2.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE GEOGRÁFICA	12
2.1.1. Espaço:	12
2.1.2. Lugar:	13
2.1.3. Paisagem:.....	15
2.1.4. Região:.....	17
2.1.5 Território:	18
3. EXPERIÊNCIA PRÁTICA	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25

CATEGORIAS DE ANÁLISE GEOGRÁFICA: UMA PERCEPÇÃO A PARTIR DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Geografia tem como finalidade estudar as transformações do espaço e as mudanças que ocorrem no mundo, contribuindo para a compreensão e a organização do espaço, identificando os tipos de intervenção que a sociedade exerce na natureza, buscando desenvolver o senso crítico dos alunos. Assim, é importante refletir sobre o ensino desta disciplina na atualidade, implica pensar num processo amplo e complexo, sobretudo pelas rápidas transformações que ocorrem nas várias dimensões do saber: ambiental, econômica, política, social e cultural. Vale salientar que cada pessoa vê o mundo de forma exclusiva, pois isso se relaciona com o conjunto de experiências dos indivíduos. Assim, cabe ao professor de Geografia acompanhar e evidenciar tais transformações no âmbito escolar.

Como ciência, a Geografia possui um conjunto de categorias que expressam a identidade humana que se molda a superfície terrestre diante de suas necessidades. Desta forma, existem alguns conceitos, conhecidos também como categorias de análise, que são importantes para a compreensão do mundo atual. Os principais conceitos são: espaço, região, paisagem, lugar e território. Neste trabalho, buscamos uma breve compreensão desses conceitos e a discussão de sua importância para o estudo dos conteúdos geográficos escolares.

Ao ensinar¹ por quatro anos o componente curricular de Geografia, no colégio Centro Educacional Monteiro Lobato- CEMOL, notei que havia uma confusão por parte dos alunos quando eram citadas as categorias de análise geográfica em sala de aula, então passei a me questionar. Por que os alunos não conseguiam conceituar as categorias corretamente? Quais suas dificuldades? Estariam relacionando-as com suas realidades? Nessa hora vi que tinha que repensar a minha prática docente, pois a partir de uma deficiência minha despertou o desejo de pesquisar sobre as mesmas, iniciando um projeto para tentar entender e diminuir essa problemática, sendo de suma importância para que outros docentes possam observar e tentar minimizar às dificuldades de seus alunos.

¹ Esta parte do texto está escrita em primeira pessoa do singular por tratar de uma experiência individual. O restante do texto está escrito em primeira pessoa do plural por entendermos que o processo de pesquisa não é construído de forma isolada.

Para tanto, embasamos a fundamentação teórica deste trabalho em discussões de geógrafos estudiosos sobre o tema, bem como nos utilizamos do registro fotográfico e observação *in loco*, que decifram como eles se manifestam, através do tempo ou do espaço.

O objetivo desse trabalho é detectar as deficiências que os alunos têm em conhecer e identificar o significado dos conceitos das categorias geográficas, e como eles associam ao seu dia-dia e refletir a prática do professor, o que esta contribui para a existência desta deficiência. Para tanto, utilizamos o questionário e entrevista como fonte empírica para a obtenção dos dados e só assim identificar quais as dificuldades que eles têm. Essa discussão apresenta importância significativa, pois são instrumentos fundamentais para compreender o espaço geográfico. Nos livros didáticos de Geografia os conceitos geográficos são parte estruturante do conteúdo, no entanto, nem sempre são explorados corretamente ou associados às situações da realidade cotidiana do aluno, às vezes passando despercebidos em sala de aula.

Observando o fato de que alunos têm dificuldades em aprender os conceitos da Geografia, notamos falhas na abordagem dos conceitos no decorrer do ano letivo, associados aos conteúdos estudados nos livros didáticos, no qual os mesmos entram em contato com grande volume de informações, que se constituem como instrumentos importantes para uma aprendizagem eficaz.

No que se refere sobre a estrutura do trabalho, está organizado em três tópicos. Inicialmente o primeiro tópico contextualiza a temática e a apresentação da problemática. No segundo tópico o artigo em questão discorre sobre o ensino de Geografia, quais os problemas e soluções possam existir, também conceituando as categorias de análise geográfica para melhor defini-las, e por último, o terceiro tópico no qual discutimos as experiências práticas, junto com a caracterização geográfica findando com as discussões e resultados obtidos.

2. A GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

O ensino fundamental é uma das etapas da educação básica do Brasil, ou seja, corresponde aos primeiros anos da educação, com a duração de nove anos, no qual está dividido em anos iniciais que correspondem do 1º ao 5º ano, e os anos finais que compreendem do 6º até o 9º ano. O ensino médio também se constitui como etapa da educação básica brasileira e tem duração de três anos correspondendo as séries do 1º ao 3º ano. Com relação ao ensino de Geografia, a proposta inicial é propiciar para aos alunos a oportunidade de aprender usando conceitos como instrumentos que vão construir um saber

interagindo com outras disciplinas e também com seu dia-dia. No entanto, é preciso que os mesmos adquiram e dominem os conceitos e categorias geográficas.

Com o surgimento da LDB/96, há a criação dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), que propõe uma nova visão dos componentes curriculares propondo um ensino introspectivo, em que os alunos desenvolvam capacidades que lhes permitam produzir sua própria aprendizagem e a mesma seja eficaz. Segundo os PCN, o ensino de Geografia aprofunda o senso crítico do aluno estimulando a compreensão sobre a cidadania e a percepção do espaço vivenciado. Ainda sobre a Geografia, este documento curricular acrescenta:

A Geografia é uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações. Neste sentido, assume grande relevância dentro do contexto dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em sua meta de buscar um ensino para a conquista da cidadania brasileira. As temáticas com as quais a Geografia trabalha na atualidade encontram-se permeadas por essa preocupação. É possível encontrar uma farta bibliografia sobre várias questões que entrelaçam os temas de estudo da Geografia com as questões sociais apontadas como prioritárias nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2006, p. 26).

O Ensino Médio foi configurado na LDB (Lei nº 9394/96) como a última etapa da educação básica. Tendo como intenção melhorar os conhecimentos já adquiridos no ensino fundamental, de certa forma é uma revisão do que foi visto nos anos anteriores, evidentemente que com uma abordagem mais aprofundada. No entanto, cada dia vem sendo questionado sobre a prática de ensino, pois tradicionalmente os conteúdos são fragmentados dificultando a aprendizagem. Uma das ferramentas mais utilizadas nas aulas, neste caso especial aulas de Geografia, são os livros didáticos que apesar de seu papel importante no processo de ensino e aprendizagem, não deve se tornar única fonte de pesquisa.

A Geografia utiliza-se de categorias de análise para basear seus estudos, elaborando e utilizando os conceitos básicos para nortear determinados fenômenos. A conceituação das categorias geográficas ao longo dos tempos é resultado de muitas transformações, e também das diferentes maneiras de como ver e transformar a superfície terrestre, em que são apresentados por estudiosos que discutiram e discutem ainda hoje sobre esse assunto. O conhecimento das várias correntes do pensamento geográfico é importante para que os professores possam de forma coerente fazer sua opção ao trabalhar a educação geográfica com seus alunos.

Ao ensinar Geografia, os professores entram em contato com a realidade dos alunos, surgindo várias maneiras para se trabalhar as categorias geográficas dependendo da

criatividade destes. Uma das propostas iniciais é trabalhar os conceitos relacionados à vida dos alunos para que estimule os mesmos a questionar e perceber o espaço vivenciado e, a partir desse entendimento, reorganizar as atividades de ensino-aprendizagem de Geografia tendo como base as categorias e os conceitos relevantes para sua educação e percepção do mundo e os mesmos entendam que fazem também parte desse mundo. Segundo Cavalcanti (2013, p. 129) “a geografia na escola deve estar, então, voltada para o estudo de conhecimentos cotidianos trazidos pelos alunos e para seu confronto com o saber sistematizado que estrutura o raciocínio geográfico”. O problema se dá quando esses conceitos apresentam postura mais científica, produzidos no interior da academia universitária, dificultam o entendimento, pois devem ser trabalhados a partir das condições cotidianas vivenciadas pela maioria dos alunos na escola. Sobre o assunto, Cavalcanti nos afirma que:

É importante que o professor considere que os alunos tenham um conhecimento prévio sobre as categorias geográficas e que está relacionado ao seu dia-dia no contexto familiar e espacial. O objetivo específico de construção de conceitos geográficos é o resultado do confronto de representações sociais e conceitos científicos (1998, p.23).

Sendo assim, o ato de estudar deve significar algo mais prazeroso e excitante, não só com uso ilustrativo de mapas, memorizar estados e suas capitais, ou mesmo os conceitos. A Geografia deve ser uma ciência explorada em todos os seus campos, indo muito além do empirismo, pois segundo Vesentini:

Mais do que nunca, é hoje uma necessidade imperiosa conhecer de forma inteligente (não decorando informações e sim compreendendo processos, as dinâmicas, as potenciais mudanças, as possibilidades de intervenção) o mundo em que vivemos, desde a escala local até a nacional e a mundial. E isso, afinal de contas, é ensino de geografia (1996, p. 12).

Sendo assim, a aula deve ser explorada através de linguagens diferentes, para ajudar a associar o que foi aprendido com o que a turma já sabe, formulando seus próprios conceitos. É importante entender que um bom ensino começa no momento que o professor compreende que o alunado já possui conhecimento prévio e construa um novo, como menciona Selbach:

[...] ensinar começa sempre como resgate dos saberes geográficos que o aluno possui. Aquilo que ele já aprendeu com a vida que vive e com o espaço geográfico que o cerca deve oferecer ‘ganchos’ essenciais para a consolidação de sua aprendizagem (2010, p. 40).

O ato de ensinar Geografia vai de encontro com a atitude de professores que ainda separam a Geografia humana da Geografia física, fazendo com que o estudo torne-se muito fragmentado, dificultando o entendimento dos assuntos em questão. Há hoje uma grande necessidade de desconstruir essa fragmentação, para que haja a compreensão do espaço geográfico em sua totalidade. É necessário refletir em como trabalhar a aula de Geografia, pois vivemos num processo de grandes mudanças no cenário político, econômico, social, ambiental e cultural. Por isso, é papel do professor de Geografia acompanhar as novidades que ocorrem nesse espaço dinâmico em que vivemos, como por exemplo, acompanhar as redes sociais e ferramentas oferecidas pela internet. Isto é necessário pois “[...]para que o professor possa realmente ajudar seus alunos a aprenderem Geografia é essencial que ele domine o uso de algumas ‘ferramentas’ que ajudem o aluno desenvolver ‘competências’ e dominar suas ‘habilidades’” (SELBACH, 2010, p. 39).

Diante desses fatos, existem muitas formas de atrair a atenção dos alunos nas aulas, como por exemplo, o uso de jogos, brincadeiras e aulas práticas, etc., que possam tornar estas mais dinâmicas, fazendo com que eles assimilem o conteúdo, de forma que a teoria e a prática unam-se e assim seja construído o conhecimento de cidadãos críticos e conscientes.

2.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE GEOGRÁFICA

As categorias de análise geográfica são instrumentos fundamentais para a compreensão do espaço, tendo o papel de auxiliar o entendimento da realidade, política e moral do alunado tornando-os cidadãos mais esclarecidos já que entram em contato com vários elementos que os fazem questionar e refletir. No entanto, é importante que o professor tenha o conhecimento das várias correntes do pensamento geográfico, para que possa de forma clara e coerentemente fazer um trabalho teórico-metodológico de Geografia correto. Só assim o conhecimento passa a ser construído, não só pelos alunos, mas também pelo professor. Para melhor compreensão de tais categorias, iremos refletir sobre cada uma delas a seguir.

2.1.1. Espaço:

Uma das primeiras definições do espaço encontrada foi feita por Aristóteles que dizia que no espaço não existia lugar vazio, como posição de um corpo entre outros corpos. Aristóteles ignorava o homem como constituinte do espaço, contudo, ele já considerava um aspecto importante da estrutura do espaço geográfico que seria a localização.

No século XX, as correntes filosóficas da Geografia quantitativa, neopositivista e a própria Geografia clássica, tornaram o conceito de espaço importante nas pesquisas em

Geografia. Na década de 1970, o conceito foi redefinido pela Geografia crítica, dando ênfase para o estudo da mesma. A forma como o espaço está organizado, reflete as práticas sociais e econômicas dos grupos que vivem ou viveram em uma determinada área, e refletindo assim, a cultura, e a forma como essa sociedade modificou e modifica o espaço ao longo do tempo. No entendimento de Alves (1999):

O espaço é produto das relações entre homens e dos homens com a natureza, e ao mesmo tempo é o fator que interfere nas mesmas relações que o constituíram. O espaço é, então, a materialização das relações existentes entre os homens na sociedade (p. 190).

Essas modificações se dão ao longo da história, no qual há produção, reprodução, desconstrução e até mesmo extinção por parte de grupos sociais. Segundo Corrêa (1987) “é necessário que se criem no próprio processo de produção as condições de sua reprodução, sendo assim, o processo de produção é também de reprodução” (p.55).

O espaço torna-se uma instância da sociedade por causa da sua estrutura, dinâmica e relações com o meio. Ele não é estático, sendo modificado pelos seres humanos. Está sempre se relacionando com a sociedade, que dita regras e deveres, tornando-os elementos do espaço. Assim, a representação é uma das formas de analisar o espaço, o qual está diretamente ligado ao tempo, ou seja, “o espaço conquista o tempo ao ser estabelecido com a reprodução da história/ vida no mundo real” (MASSEY, 2008, p.56). Desta forma, não podemos separar o tempo e o espaço, pois estão diretamente associados.

Ao transformar o espaço, o ser humano produz algo a fim de suprir suas necessidades, criando condições de reprodução, resultando em um desenvolvimento. Quando um grupo não cria essas condições, são engolidos por grupos mais desenvolvidos ou em processo de desenvolvimento. Nesse sentido, quando estivermos falando de espaço, podemos dizer que ele seria o resultado das características de pessoas ou grupos sociais com suas particularidades construídas, resultante da história e das formas como trabalham, como produzem e usufruem.

2.1.2. Lugar:

Quando se fala sobre a categoria lugar, surge a ideia de um ponto no espaço, ou seja, pensamos imediatamente em um local, ou ponto de referência num determinado espaço, um ponto imaginário numa coordenada geográfica. Podemos dizer que o lugar é um espaço percebido numa determinada área ou ponto do mundo, que de certa forma também se liga ao sentimento afetivo, aquele local em que uma pessoa possui certa afetividade ou intimidade,

como sua casa, escola ou até mesmo seu quarto. Segundo Cavalcanti (2013) o “estudo do lugar, nesses termos, permite inicialmente a identificação e a compreensão da geografia de cada um, o que é básico para a reflexão sobre a espacialidade da prática cotidiana individual e de outras práticas” (p 94).

Durante longo tempo o conceito de lugar foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado ponto. No entanto, algumas correntes da Geografia tentam defini-la com suas particularidades como na Geografia clássica, em que a palavra lugar não constituía um conceito científico, já que era utilizada como sinônimo de localização, fazendo referência ao conjunto de características naturais e humanas que particularizam uma determinada porção da superfície terrestre. A Geografia humanista foi a primeira corrente a fazer uso da categoria lugar como um conceito científico. Os geógrafos humanistas destacam a importância de estudar o cotidiano, os valores e atitudes e a afetividade que as pessoas comuns elaboram a respeito do espaço e do ambiente em que vivem. A base fenomenológica questiona as ações do mundo contemporâneo e globalizado, que não dá importância aos lugares. No que se refere ao estudo do lugar na Geografia escolar, Cavalcanti afirma:

Para uma primeira aproximação da análise do significado de lugar dado pelos alunos, as formulações da Geografia Humanística parecem ser bastante produtivas. Se a relação entre sujeito e objeto no processo de conhecimento como um todo tem uma dimensão subjetiva, no caso deste conceito o apelo ao subjetivo parece ser mais forte, uma vez que antes de conceituar os alunos já têm uma experiência direta com o lugar, com o seu lugar (CAVALCANTI, 2013, p. 91).

Sendo assim, estudar e compreender o lugar onde vive, permite o sujeito (aluno) conhecer a sua história e como foi construído aquele lugar, suas aparências e formas, pois cada lugar tem marcas que constrói a sua identidade. O lugar está ligado a nossa vida desde a infância, pois nesse momento começamos a construir e organizar nosso próprio espaço, interagindo e criando uma afetividade, criando sua própria Geografia. Segundo Santos,

[...] os lugares se diferenciam pela maneira pela qual os fatores internos resistem aos externos, determinando as modalidades do impacto sobre a organização preexistente. A partir desse choque impõe-se uma nova combinação de variáveis, um novo arranjo, destinado a se manter em constante movimento (1988, p. 96-97).

Então, o lugar seria algo comum à vida das pessoas, por onde se criam e recriam relações que assumem grande importância no trabalho simultâneo de várias técnicas, pois ali está repleto de história num determinado tempo e espaço. Sobre tal afirmação, Santos ainda nos acrescenta que:

Cada lugar tem, pois variáveis internas e externas. A organização da vida em qualquer parte do território depende da internalização, incorporando-se à escala local. Até o momento atual no qual impactam sobre o lugar são externas, mas o processo de espacialização é, também, um processo de internalização (1988, 96-97).

Ainda há pouca aproximação da escola com o cotidiano dos alunos, fazendo um ensino pouco atraente frente ao mundo real, deixando conceito de lugar muito abstrato, desinteressante e longe do convívio do alunado. Isso se torna o oposto da relação que o conceito tem, já que o lugar é vivido, formado por uma identidade, contempla a compreensão das estruturas, das ideias dos sentimentos, com os quais os alunos estão envolvidos.

2.1.3. Paisagem:

A categoria tem sido amplamente debatida por muitos autores, entretanto, é uma das que mais confunde os alunos em sua definição correta, já que no censo comum a paisagem estaria relacionada à estética de beleza, esquecendo que ela não é apenas imagem, mas sons, cheiros, volumes, bonito, feio, nunca sendo algo estático, devido sua influência ativa nas ações dos seres humanos, sendo adaptada conforme suas atividades e necessidades. Dessa forma, podemos afirmar que a paisagem, é formada por diferentes elementos que podem ser modificados pelos seres humanos ou não, dependendo de suas necessidades, e esses elementos podem ser percebidos através de seus sentidos. Para Santos:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. [...] A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão (1988, 61-62).

Diferentes elementos são intrínsecos a categoria de análise paisagem, sejam eles de domínio natural, humano, social, cultural ou econômico que se articulam uns com os outros, pois ela resulta do processo de construção do espaço. Santos ainda afirma que a paisagem é bem mais do que o visível, e que integra a natureza e a sociedade, onde cada sociedade modifica a paisagem a partir de seus interesses, em determinado momento da história. Sendo assim, este autor define paisagem como “[...] conjunto de forma que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza” (2002 p.103). E ainda acrescenta que “a paisagem se dá como conjunto de objetos reais concretos” (SANTOS, 1997, p. 83).

Cada vez mais a sociedade passa por mudanças relacionadas a questões sociais, políticas, econômicas e culturais, por suas necessidades e num ritmo frenético atinge as

paisagens fazendo com que ela não seja estática e fique em função do rearranjo global em espaços e momentos diferentes do desenvolvimento da sociedade.

A cultura teve e tem um papel importantíssimo na configuração e reconfiguração da paisagem através de conjuntos de instrumentos como: rituais, costumes, comidas, crenças entre outros, que fazem parte da história de cada sociedade ou povoado e trazem consigo suas particularidades específicas na questão de fazer cultura. Ela se constrói a partir das atividades realizadas pelo homem como casas, cidades, ruas, campos agrícolas etc. A transformação da paisagem pelo homem representa um dos elementos principais na sua formação agregando sempre o presente e o passado. No momento em que a sociedade transforma o espaço, no transcorrer de sua história ela molda a produção pela sua necessidade, e em cada período, uma primeira natureza, é transformada em segunda natureza, transformando assim, a paisagem natural em paisagem não natural.

Dessa forma, existem dois tipos de paisagem: a natural e a não natural. A natural é aquela ainda intocada, não submetida à ação do homem. Atualmente existem poucas paisagens naturais, entretanto devemos lembrar de que mesmo intocada, ela sofre com eventos da própria natureza, deixando-a mutável. A paisagem não natural é aquela que sofre interferência humana. Ela está em processo de mudança não sendo também estática, mostrando as características daquele espaço num determinado momento da história, pela necessidade das sociedades que ali viveram ou vive. Esse processo é importante para o entendimento das relações entre os sistemas natural e humano, bem como no processo de formação da identidade da paisagem transformada, contribuindo com muitas informações sobre o modo de vida das pessoas e sobre a história daquele espaço. São resultados do trabalho e necessidades das sociedades, isto é, do esforço coletivo e organizado de várias gerações que, por meio de técnicas disponíveis, que instalam artefatos pelos quais são utilizados e recriados a partir das interações que se realizam criando uma fisionomia na paisagem. Essa aparência é única, diferenciada de outras, já que uma expressão daquela sociedade.

A paisagem é um instrumento importante na aprendizagem de Geografia. Através dessa categoria é possível compreender, mesmo que em partes, a formação do espaço geográfico em um determinado momento. Ela é o resultado dos processos produtivos e da transformação da natureza. Entretanto, fica a indagação de como ensinar o conceito de paisagem? Para Cavalcanti:

Trata-se de refletir com eles [alunos] sobre [...] [a] primeira referência: a beleza. Por que ela é tão forte? Será que é porque paisagem tem a ver com aparência? Com forma? Beleza e forma estariam associadas? Se paisagem é forma, no sentido de um arranjo formal, externo do espaço, então parece ser correto que os alunos levantem o aspecto estético. Mas o processo didático deve prosseguir questionando sobre as diferenças entre uma paisagem ideal (bela) e as paisagens reais ("feias", "neutras"); sobre por que os alunos quase não apontam paisagem em seu lugar de vivência imediata (por que seus bairros têm poucas paisagens bonitas? E paisagens feias, não têm?); sobre quem constrói a paisagem e para quem (2013, p 101).

E só assim desconstruir o conceito de paisagem como estética, e fazer com que os mesmos entendam que as paisagens são muito mais que imagens ou beleza, elas são sons, cheiros, volumes, construções, desconstruções do espaço.

2.1.4. Região:

O conceito de região está ligado a diferentes correntes do pensamento geográfico, cada uma com seu conceito próprio, oferecendo subsídio para caracterização específica de cada pensamento. Uma das principais correntes foi o determinismo ambiental, que defende as condições naturais, como o clima e vegetação, que, de certa forma vai determinar ou interferir nas ações dos seres humanos. Essa corrente tem como um dos seus conceitos sobre região, a de região natural, que interage com o homem. Ou seja, a natureza dá as riquezas e a sociedade a explora. Segundo Corrêa (1987) “uma região natural é um ecossistema onde seus elementos acham-se integrados e integrantes (p.24)”. Já o Método Regional, não observa a região pela interação da natureza com o ser humano, mas compara as regiões com critério de semelhança e distinção entre si. A região para Hartshorne (1939 *apud* Corrêa, 1987), não passa de uma área a sua unicidade, resultado de uma integração da natureza única de fenômenos heterogêneos. O método é a principal forma de análise da região. Para a Nova Geografia, as regiões são definidas pela forma quantitativa com suas particularidades, e através do método utilizado, pode explorar o potencial máximo dessa divisão regional, sempre se opondo ao determinismo ambiental e ao possibilismo. E por fim tem a Geografia Crítica que dá maior ênfase nas características da sociedade capitalista, a partir das contradições intrínsecas a esta sociedade, observando as ações dos seres humanos para dominar a natureza, com a ideia produção e reprodução do espaço.

Os elementos sociais e naturais que compõem o espaço são utilizados para caracterizar uma determinada região com suas particularidades, dando o subsídio para a ocupação do espaço e como serão explorados pelos seres humanos que ali habitam. O clima, relevo e a vegetação, são elementos particulares que vão influenciar na produção de um determinado espaço e conseqüentemente criará uma sociedade característica daquela região, onde os mesmos impõem seus sistemas produtivos no espaço ou região. Está diretamente

ligado aos aspectos sociais, culturais e econômicos de cada momento histórico, o que permite entender uma diversidade de formas de apropriação e de reestruturação do espaço pelos diversos agentes sociais e econômicos dos quais compõem o cenário das transformações regionais. Ações estas que podem ser transformadas de várias formas seja parcialmente ou totalmente. A região não é autônoma e interage com outras devido às suas necessidades. Como ressalta Corrêa (1987):

Região é considerada uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações, ou seja, da efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quadro territorial já previamente ocupado, caracterizado por uma natureza já transformada, heranças culturais e materiais e determinada estrutura social e seus conflitos (p. 46).

A região como produto-produtora das dinâmicas que acompanha a globalização e suas fragmentações, em suas distintas combinações e intensidades, o que significa trabalhar a extensão e a força das principais redes de coesão ou, como preferimos de articulação regional, o que implica identificar também, por outro lado, o nível de desarticulação e/ou de fragmentação de espaços dentro do espaço regional em sentido mais amplo. Corrêa apresenta a sua concepção de região:

[...] a região deve ser vista com o um conceito intelectualmente produzido. Partimos da realidade, claro, mas a submetemos à nossa elaboração crítica, na sequência, procurando ir além da sua apreensão em bases puramente sensoriais. Procuramos captar a gênese, a evolução e o significado do objeto, a região (2003, p.22).

O conceito de região, como as outras categorias, assume significados diferentes de acordo com o método e o pensamento geográfico utilizado, e isso deixa o conceito mais complexo, dependendo da postura metodológica assumida para ser definida. No entanto, essa categoria é cada vez mais atual e de grande pertinência para a compreensão do espaço geográfico. A categoria pode ser definida pelos diferentes níveis de entendimento do real – singular particular e universal é uma categoria complexa, vista de várias formas, dependendo da postura metodológica assumida.

2.1.5 Território:

Entender o conceito de território tem sido o foco de estudos de várias áreas das ciências como Geografia, Sociologia, Antropologia e História. Assim, são muitas as áreas para as quais o território desempenha um caráter explicativo da realidade. Autores nas diversas áreas do conhecimento têm buscado entender a essa realidade a partir do

entendimento do significado do território, podendo ser interpretado de acordo com a área de investigação.

O conceito território é usado para estudar as relações entre espaço e poder desenvolvidas pelos Estados, especialmente os Estados nacionais que exercem seu poder soberano. Através de relações de poder, são criadas fronteiras, entretanto, o conceito de território abrange mais do que os Estados nacionais, qualquer espaço definido ou delimitado onde há relações de poder, se caracteriza como território.

O estudo do território tem como base central as relações entre os agentes do campo social, político e econômico que interfere na administração e organização de um determinado espaço. É considerado como um campo de forças, em várias escalas, produzido por meio da apropriação e da ocupação de um espaço por um agente, que pode ser um país, uma empresa, um grupo social ou um indivíduo. Somos todos agentes do território, estabelecemos limites entre nós e os outros. Cavalcanti explica que:

Nessa linha, território deve ser entendido como produzido pelos homens ou, na expressão de Raffestin, por atores sociais nas relações de poder tecidas em sua existência; e poder, como uma força dirigida, orientada, canalizada por um saber, enraizado no trabalho e definido por duas dimensões: a informação e a energia (2013, p 107).

Concordando com Cavalcanti, o território configura-se como uma porção concreta do espaço geográfico, onde se revelam as diferenças de condições ambientais e de vida da população. Pode durar longo tempo ou pouco, sendo estável ou instável, ou seja, o território é flexível a estas mudanças de acordo com o poder estabelecido nele. É importante compreender o espaço anterior ao território. Pois ele se forma a partir do espaço, sendo resultado de uma ação conduzida por um ou mais agentes em vários níveis. Quando o mesmo se apropriar de um determinado espaço, cria-se a “territorialização”.

A apropriação do espaço transforma-o em território, definido por um conjunto de relações de poder. Considerado um espaço controlado por grupos humanos, produzindo territorialidades específicas, das quais o poder se origina. Este processo é observado por intermédio de múltiplas escalas: mundiais, regionais e locais, cuja espacialidade e temporalidade se expressam de maneira contínua ou descontínua. Para Santos:

O território a cada momento foi organizando-se de maneiras diversas, muitas reorganizações do espaço se deram e continuam acontecendo, atendendo aos reclamos da produção da qual é arcabouço. Merecem destaques especial as transformações ocorridas a partir de meados deste século, que representaram muito mais do que uma simples mudança (1988. p. 45).

O território pode ser definido como um espaço delimitado por fronteiras definidas pelo homem e também elementos da natureza. Nem sempre são visíveis ou definidas, obedecendo a uma relação de poder nas várias instâncias. E esses limites têm caráter político/administrativo sendo fruto de sua história que se manifesta ou se manifestou. Seria uma porção concreta do espaço geográfico, onde se revelam as diferenças de condições ambientais e de vida da população, identificada pela posse, dominação, poder ou apropriação do espaço. E estudá-lo é muito importante pela sua complexidade.

Para o ensino do conceito em questão é importante que o aluno saiba conceitos como: limites, fronteiras domínio e o poder como soberania, para que possa compreender que os limites territoriais são variáveis dependendo do fenômeno geográfico que aconteça. Cavalcanti ressalta que:

No caso específico do ensino, cabe, então, indagar sobre que conceito de território se quer ajudar os alunos a construir. É importante trabalhar com os alunos conteúdos que fundamentem o papel histórico que têm desempenhado as formas de poder exercidas por determinados grupos e/ou classes sociais na construção da sociedade e de seus territórios, o que requer o tratamento do poder no âmbito das relações sociais mais estruturais (2013, p. 110).

A partir do momento que o aluno interpreta que quando ao escolher sua carteira acaba por exercer um poder ali, ele está criando seu próprio território. Outra forma de trabalhar com o conceito de território em sala de aula é através do campo de forças envolvendo relações de poder entre os diferentes grupos sociais no âmbito local e as fronteiras do território brasileiro com o auxílio de mapas. Enfim, muitas são as ferramentas que podem ser utilizadas para a aplicação da categoria território.

3. EXPERIÊNCIA PRÁTICA

3.1 INÍCIO DAS ATIVIDADES DOCENTES

A escola campo de pesquisa (fig. 01) – CEMOL - fica localizada no município de Esperança-PB e foi criada em janeiro de 1994, tendo como fundadora Maria do Carmo Monteiro de Almeida e Lúcia de Lourdes Monteiro Costa. O ingresso enquanto docente na referida escola se deu no ano de 2008, logo após o ingresso na graduação em Geografia na Universidade Estadual da Paraíba.



Figura 01 - Centro Educacional Monteiro Lobato
Fonte: GUIMARÃES Diego Silva, junho 2015.

Na grade curricular da licenciatura em Geografia da UEPB, o primeiro contato com os conceitos e categorias geográficas se dá pelo componente curricular de Região e regionalização, através de confronto entre vários autores, e cada um com sua linha de pensamento seguindo suas correntes filosóficas, tendo mais ênfase os conceitos de espaço e região. Entre os autores estudados estão Roberto Lobato Corrêa com o livro *Região e organização espacial* e Doreen Massey com o livro *Pelo espaço*. As explanações dos conteúdos ocorreram de forma expositiva e dialogada com utilização de livros e artigos com autores da área geográfica. Em princípio, o conceito explorado foi o de espaço. Levando-nos a analisar as nossas ações e entender que somos agentes ativos e passivos do espaço e que somos capazes de transformar o espaço geográfico. No entanto, observa-se que na universidade, as categorias não são exploradas de forma que possamos assimilar e repassá-las para os alunos. É estranho que dentro da academia haja falhas na abordagem no ensino das categorias de análise geográfica onde deveria servir como um alicerce para a construção e consolidação da aprendizagem. Entretanto, esteve a todo o momento fragmentado em temas diversos, dificultando a conceituação dos mesmos e por muitas vezes não sendo nem explorados. Então fica a pergunta: como um professor pode ensinar o que não viu nem aprendeu? Devemos atentar para a problemática em questão, a falha começa dentro dos cursos acadêmicos que não exploram de forma mais objetiva, criando um efeito dominó, onde uma peça derruba as demais. É necessário que prestemos atenção nesse caso, pois em outros conteúdos podem estar havendo as mesmas falhas.

Com isso surgiram vários debates sobre como é importante explorar corretamente os conceitos de análise geográficos, e quais os modos corretos de ensinar em sala de aula. Para que os nossos futuros alunos possam aprender de maneira significativa sempre confrontando a realidade dos mesmos com o que aprendem. Com isso teve início o projeto de ensinar e

identificar falhas na construção das categorias de análises geográficas. Com base nessas informações teve início o projeto de intervenção pedagógica.

Para tanto, foram utilizados alguns recursos metodológicos que tinham a função de explorar o conhecimento prévio que os alunos já possuíam sobre algumas categorias geográficas. O primeiro recurso foi o mapa mental, que permitia com que alunos pudessem se localizar desenhando um mapa do trajeto da sua casa até o colégio. Assim, pôde ser explorado o conhecimento geográfico já trazido pelo aluno, e trabalhar o conceito de paisagem. Como os alunos vinham de bairros distintos, como também de outros municípios, foi possível para estes relatarem diferentes tipos de paisagens através de pontos de referência. Outro conceito explorado foi o de território, pois, logo após os alunos entrarem em sala de aula e escolherem suas carteiras, acabavam de criar, mesmo sem perceber, uma área delimitada, sentimento posse, exercendo uma forma de poder sobre a carteira escolhida. Assim, ainda foi possível trabalhar a luz do conceito de território, alguns elementos da vivência cotidiana dos alunos, como o terreno baldio, a casa ou um supermercado, tudo isso referente ao poder local exercido.

A principal ferramenta utilizada nas aulas era o livro didático, em que os assuntos ministrados serviam como ponto de apoio para as discussões sobre as categorias de análise geográficas nele mencionadas, onde geralmente se torna difícil a compreensão destas, por na maioria das vezes se encontrar descontextualizada dos demais conteúdos do livro.

Diante desse contato inicial, surgiu a necessidade de se ter dados quantitativos para uma amostragem real da dificuldade encontrada pelos alunos em relação a construção dos conceitos geográficos. Esta experiência então se deu no transcorrer de um ano, com a turma da primeira série do ensino médio que contava com 31 alunos entre 15 a 18 anos em diferentes classes sociais, sexo e cor com realidades socioeconomicamente distintas que, no entanto, passavam pelas mesmas dificuldades de compreensão e aplicação das categorias geográficas corretamente. Primeiramente, foi o momento de discussão dos conceitos-chave da Geografia e em um momento seguinte foram aplicados os questionários como mostra a figura 02.



Figura 02 – Alunos da 1ª série do ensino médio respondendo o questionário.

Fonte: GUIMARÃES Diego Silva. Junho/2015.

O questionário aplicado constava de 10 (dez) questões fechadas e de múltipla escolha, elaboradas para que os alunos pudessem interpretar e questionar sobre os conceitos de cada categoria, através de textos contextualizados com duração de 50 min (tempo estimado de uma hora/aula). A escolha da turma de 1ª série do ensino médio se justifica pelo motivo de estar trabalhando com eles desde o 6º ano do ensino fundamental. Assim, após a coleta dos questionários, os dados foram analisados e sua amostragem pode ser visualizada no gráfico a seguir:

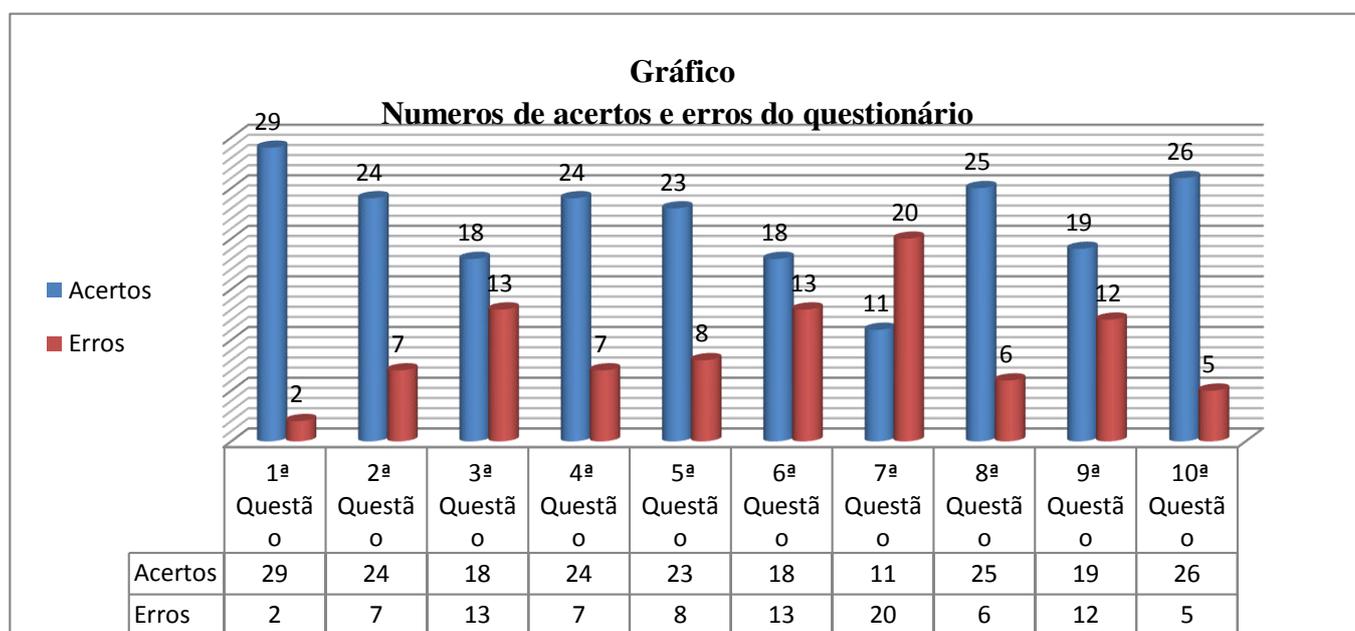


Gráfico: percentual de acertos e erros do questionário.

Fonte: GUIMARÃES Diego Silva, junho 2015.

Foi observado que boa parte dos alunos responderam as questões de forma objetiva e através do gráfico, fica evidente que a categoria na qual houve mais erros em sua conceituação e interpretação foi a de região, com mais de 64,5% de erros, e com isso fica evidente que há uma grande dificuldade de se conceituá-la corretamente havendo distância entre o entendimento real e que eles acham o que seria os conceitos corretos. Subtendemos que a categoria em questão ainda é muito complexa para ser definida, já que não é estática e está em constante transformação. Outros conceitos abordados como: lugar, território,

paisagem e espaço, tiveram um número razoável de acertos. Porém, ainda é pouco para mensurar o tamanho e as dificuldades que há quando falamos em definição e conceituação de categorias geográficas.

Verificamos que a maior parte dos acertos se concentrou na primeira questão, a qual se refere à categoria paisagem, com 93,5 %, isso se define pelo maior entendimento dos alunos. Diferentemente das outras, ela está dentro da vivência do alunado tornando mais fácil de conceituar, no entanto ainda é visível a falsa concepção de que paisagem é “algo bonito” como uma cachoeira ou um campo gramado, esquecendo que existem paisagens que não tem essas belezas, no caso um lugar inóspito. Os conhecimentos de senso comum dificultam a conceituação correta dessas categorias, e até mesmo os meios de comunicação como programas de televisão, jornal, revista e internet, colocam de forma errada alguns termos, causando grande confusão na compreensão da mesma. Podemos afirmar que uma parcela da turma tem deficiência nas conceituações, e essa deficiência está inserida na própria forma de não explorar corretamente os conceitos. Foi notório que alguns tinham certa antipatia causando um desinteresse generalizado e o não entendimento das categorias questionadas anteriormente. Noutro momento, foram discutidos com os alunos em sala de aula quais seriam as influências das categorias geográficas em suas vidas, e como eles podiam perceber essas categorias no seu dia- dia. Em resposta, muitos disseram que a paisagem e o lugar, são mais fáceis de ser percebidos, pois estão vinculadas ao cotidiano. Uma frase de uma aluna mostra essa observação: *“paisagem é a categoria que mais pode ser vista e vivida, já que a todo o momento estamos em contato, e também somos elementos que interagem com a mesma”*. Outros alunos evidenciam o lugar como categoria mais comum a todos, pois: *“já que está relacionada a afetividade como o nosso quarto, a sala de aula quase todo instante estamos num ou noutro, por isso a categoria lugar é a que nós vivemos”*.

No ponto de vista dos alunos, as categorias são de suma importância para se utilizar na Geografia, entretanto, pode se observar que ainda está muito longe do que seria o “ideal”, pois a forma como está colocada não se relaciona com seu cotidiano. Ou seja, os alunos conseguem interpretar, distinguir, conceituar só que ainda não estão associando ao cotidiano, ficando ainda com a parte mais teórica e não empírica.

Observa se que o ensino nas universidades está distante do ensino comum, pois é pragmático e complexo, deixando pouco atrativo, tornando muito difícil ensinar, de tal maneira que nós professores devemos “mastigar” os assuntos para depois devolver para os alunos de forma mais prática e de fácil compreensão. Impossível um aluno do 6º ano do ensino fundamental, explicar o conceito de espaço sem confundir o espaço sideral com o

espaço geográfico. É natural que ele não consiga pelo motivo óbvio de não ter o conhecimento sobre isso. E de certa forma a academia cria um obstáculo intransponível para os estudantes de Geografia, e futuros professores, pois, utilizam-se de um método muito antigo de se ensinar. Também facilmente se encontra artigos, monografias e revistas eletrônicas que mostram que as aulas de Geografia devem-se associar as categorias à realidade dos estudantes, só que poucas vezes mostra como tornar isso realidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise das dificuldades na compreensão e no ensino das categorias de análise geográfica. Com uma reflexão sobre as metodologias utilizadas em sala de aula, e também dos recursos didáticos podendo avaliar como eles podem auxiliar na aprendizagem dos conteúdos em questão.

De modo geral notamos que a grande parcela da turma conseguiu interpretar e conceituar as categorias de forma que fossem utilizadas no seu dia-dia, demonstrando interesse pelo tema e buscando se informar sobre os conteúdos através de recursos como livros didáticos, artigos científicos e a internet.

Diante dos dados coletados, ficou evidente que os objetivos de cada recurso didático foram realmente alcançados. Desse modo, é muito importante que haja novos métodos de ensino e que a aprendizagem seja posta de forma espontânea e agradável, e que a forma como as categorias de análise geográfica estão sendo postas nas universidades sejam voltadas principalmente para o ensino comum, para que os futuros professores de Geografia aprendam a trabalhar esses conceitos de forma mais didática.

O ato de compreender e conceituar parte do princípio local para o global, ou seja, essa compreensão vem primeiro do meio onde o sujeito está inserido, para que só assim possa associar com o mundo em sua volta, criando uma nova leitura sobre as categorias observadas. Dessa forma, uma boa aula de Geografia deve explorar os temas através de novas linguagens, o áudio visual, internet, jogos, desenhos entre outros, como forma de desafio para estimular a curiosidades dos alunos, transformando as informações adquiridas em um conhecimento construído.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Glória da Anunciação. Cidade, Cotidiano e TV. In: CARLOS, A. F.(org.) **A geografia na sala de aula**. São Paulo, Contexto, 1999.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; MEC, 2006.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. 18ª ed. Campinas: Papirus, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza, **A Geografia Escolar e a Cidade**. Campinas: Papirus, 1998.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

HAESBAERT, R., **O mito da desterritorialização**: Do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Da Desterritorialização e Multiterritorialidade. Rio de Janeiro. **Anais do V Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR**, v. 3, 2001.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

SELBACH, Simone; ANTUNES, Celso. **Geografia e didática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

VESENTINI, José William. **O novo papel da escola e do ensino da geografia na época da Terceira Revolução Industrial**. Disponível em: <http://www.geocritica.com.br/artigos.htm>. Acesso em: 25 de março de 2016.